

A DEUSA EXUBERANTE E O HERÓI GILGAMESH.

Carmina Mendes André



1. ¹

2.

3.

Trabalho de Conclusão de Curso.

Pós Graduação em Narração Artística: Caminhos para contar histórias em contexto urbano.

A Casa Tombada - 2022

¹ 1. Não encontrei a referência. Trata-se de uma sacerdotisa de Inanna ou Ishtar, também conhecidas como prostitutas sagradas.

2. Não encontrei a referência. Trata-se de Inanna e Dumuzi

3. Sacerdotisa de Inanna ou Ishtar. Museu do Louvre, Paris Babylonian, c. 2000 aC.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Giuliano Tierno e à Letícia Liesenfeld que com tanta maestria e amorosidade conduziram esse barco virtual em meio à tantas tempestades, sem perder a esperança na vida coletiva.

Agradecer aos meus colegas de classe que não largaram minha mão em hora nenhuma.

Agradecer às leitoras e leitores desse trabalho, suas dicas e incentivos.

Agradecer ainda a todas as professoras e professores, técnicos, e toda a gente que sustentaram esse Curso de Pós Graduação entre 2020-2022.

Nossa, passou tão rápido!

Agradeço aos mestres Keu Poema e Marco Haurélio por me darem a honra de sua participação na leitura final do texto.

**Dedico esse texto a meu amor:
Stenio Mendes.**

O convite para a leitura deste texto (que não sei nomear seu estilo):

Caros leitoras e leitores, este trabalho tem por objetivo recontar, ou melhor, tecer uma leitura simbólica e arquetípica da história da Epopeia de Gilgamesh sob a perspectiva da deusa Ishtar, incluindo o muito que se pode ter de palavras próprias e enxertos colhidos ao longo da pesquisa e de um descarado fabular. Uma narração comentada a partir de três vozes: a pesquisadora que recolhe informações e interpretações a partir de vários outros pesquisadores; a mulher comum que se espanta e emite comentários do senso comum, com certo humor e coloquialidade; e a narradora que conta vários mitos sumérios e a própria Epopéia de Gilgamesh recontada pelos acádios, com um dizer ora em palavras próprias e com tudo o que a imaginação me presenteou ora citando diretamente da fonte. Esperamos contar, também, com a voz de quem nos lê.

O início da pesquisa partiu do desejo de contar mitos que encontrei com o nome de “a grande deusa”. Gostaria de compreender os aspectos desse arquétipo feminino. As primeiras referências encontradas relacionavam a “grande deusa” à “grande mãe”. A fertilidade ligada a maternidade era seu traço mais evidente. No entanto, no decorrer da “escavação” dei com Inanna, deusa suméria, que se mostrou um arquétipo, sim, ligado a fertilidade, mas em seu aspecto sexual, iniciático, em suas epifanias de deusa do amor. Diante desse arquétipo retomei a leitura dos poemas que compõem a *Epopéia* interpretando a narrativa como um embate entre o herói Gilgamesh e a deusa Ishtar. Ai bateu aquela dúvida: Inanna e Ishtar seriam as mesmas?

Inicialmente havia compreendido que Inanna e Ishtar eram a mesma com nomes em diferentes línguas. Inanna no idioma sumério e Ishtar, no acádio. Isto se confirma, no entanto, não são as mesmas deusas, já nos esclareceu Marco Haurélio na arguição desse texto.

Inanna é nome de deusa suméria. Muito mais antiga, vem de um povo, indo-europeu, que migrou do que hoje chamamos Turquia para se estabelecer na fértil região dos grandes rios Tigre e Eufrates, região chamada mesopotâmia. A organização política desse povo se dava por meio de cidades-estados. Portanto eles nunca constituíram um império. Dentre as várias sutilezas encontradas entre os escritos desse povo, uma delas, que nos importa para o tema, é a posição da mulher. A mulher entre os sumérios tinham direitos civis que até pouco tempo não existiam entre nós, tais como o divórcio e o direito à herança. Diante do que conseguimos saber, supomos tratar-se de uma sociedade muito próxima de matrizes matrilineares.

Ishtar é nome de deusa acádia. Os acádios eram povos nômades de matriz patrilinear, conhecidos como semitas. Nessa cultura, as mulheres não tinham os mesmos direitos civis que as mulheres sumérias. Os semitas, por meio de guerras, dominaram os sumérios por volta de 2500 a.C. e fundaram o império acádio, estabelecendo-se na região. Porém, muito da cultura suméria teria sido anexada pelos acádios: costumes, escrita, deuses.

Ishtar teria recebido atributos da deusa Inanna em um processo de anexação cultural, de sincretismo. E como veremos, a relação de Inanna com Gilgamesh (representando o homem sumério) não será a mesma com Ishtar (quando ele representa o homem acadiano).

Vou então iniciar apresentando Inanna e depois continuo com Ishtar.

***Inanna, a senhora do amanhecer e
do entardecer
é terrível (hino a Inanna)***

Você que me lê, certamente já apreciou a Estrela Vênus (que na verdade é um planeta): aquela luzinha solitária que aparece pela manhã e pela tarde quando o céu está limpo. Ela é a senhora do amanhecer e do entardecer, a terrível e exuberante deusa dos sumérios.

Nas coletividades antigas em que a vida dependia da caça e da agricultura familiar a Grande Deusa era a Mãe Terra, a que possuía, em seu corpo, a magia do nascimento e da alimentação. Seu destino era acompanhar seu filho desde o nascimento até sua morada final: útero e sepulcro.² A deusa dual da Lua: na crescente se mostra alegre e bela e na minguante esconde perigos e sombras.

Os sumérios (4500 a.C a 1900 a.C) foram os primeiros povos - de que temos notícias - a inventar a escrita. Conjectura-se que no momento em que registraram o movimento das estrelas, teceram relações entre céu e a vida na terra. Nesse processo, o culto à deusa teria expandido seus domínios. De Mãe Terra passou a Mãe Cósmica, regente da terra e do céu.

Uau! De fonte de fertilidade terrena, ela passa a mediadora espiritual!

Inanna avança seus domínios no horizonte da matéria e na verticalidade da espiritualidade. Hoje comenta-se que ela habita nosso inconsciente, porém invisível aos olhos leigos, vive no poço de água da vida da inspiração poética. Inanna era (e poderá ainda estar sendo) a deusa integradora do corpo (profano)

² CAMPBELL, 2015.

e do espírito (sagrado) ampliando a dimensão existencial daqueles que a veneram.³

Mas quem é Inanna?

Em uma das narrativas mais antigas encontrada pelas pesquisas arqueológicas, agrupadas e intitulada de *A Epopeia de Gilgamesh*, encontramos a deusa exuberante com o nome de Ishtar. Muitos pesquisadores enaltecem Gilgamesh nessa história, mas aqui queremos mostrar o protagonismo da deusa. A versão aqui apresentada combina dois poemas (*Gilgamesh e a terra dos vivos e Morte de Gilgamesh*) encontrados aproximadamente 2.000 a.C.⁴

Essa história se passa no tempo em que os deuses andavam pela terra. Inicia-se em uma cidade toda murada chamada Uruk governada por Gilgamesh. Uma das primeiras cidades encontrada entre as escavações científicas. As grossas paredes dessa muralha protegem seus habitantes de invasores.

Nesta cidade há um templo à deusa Ishtar em meio a lindo pomar (jardim). Seu centro é marcado por uma tamareira ou macieira dependendo da versão.

Como esse templo de Ishtar chegou até Uruk? Encontramos um mito fundador em forma de poema que nos conta como Ishtar se tornou a padroeira da cidade de Uruk ao ser sincretizada com Inanna. Em uma das tabuinhas em escrita cuneiformes datada de 2.000 a.C., encontramos o mito *A árvore huluppu* que narra como o templo de Inanna foi erguido em Uruk por Gilgamesh.

A ÁRVORE HULUPPU

***Nos primeiros dias, nos muitos primeiros dias,
Nas Primeiras noites, nas muitas primeiras noites,
Nos primeiros anos, nos muitos primeiros anos,
Nos primeiros dias, quando cada uma das coisas estava sendo criada,***

³ IDEM.

⁴ Epopeia de Gilgamesh, anônimo, 2011.

***Nos primeiros dias, quando cada uma das necessidades estava sendo dimensionada,
Quando o pão deixou de ser um segredo na terra,
Quando o pão era assado nas casas da terra,
Quando o céu se afastou da terra,
Quando a terra foi separada do céu,
E as naves dos homens aterrissaram;
Quando deus do céu, Ann, chegou dos céus,
Quando o deus do AR, Enlil, chegou da terra,
Quando a rainha do abismo, Ereshkigal, teve
O submundo por domínio,
Ele navegava, O Pai navegava,
Enki, o deus da Sabedoria, ele navegou para o mundo inferior.
Pequenas pedras passaram por ele,
Por grandes pedras ele passou,
Como se fossem tartarugas,
Foram recolhidas no barco de Enki.
As águas do mar abatiam-se sobre seu barco como lobos,
As águas do mar abatiam-se sobre seu barco como leões.
Neste tempo, uma árvore, uma árvore solitária, a árvore Huluppu
Foi plantada nas margens do Eufrates.
A árvore nutria-se das águas do Eufrates.
O vento sul a embalava, e suas raízes
E galhos ramificavam-se
Até onde as águas do Eufrates desaguavam.
Uma mulher que caminhava com temor das palavras do deus do céu, Ann,
Com temor do deus do ar, Enlil,
Encontrou a árvore no rio e falou:
"Eu levarei esta árvore para Uruk,
Eu plantarei esta árvore no meu jardim particular".
Inana tomou a árvore com cuidado em suas mãos
Ela revolveu a terra em torno da árvore com seus pés
Ela maravilhou-se:***

**"Como crescerá até que eu tenha um trono para sentar-me?
Como crescerá até que eu tenha uma cama para dormir?"
Os anos passaram; cinco anos passaram, e então dez.
A árvore germinou rápido,
Mas sua casca não se dividia.
Então a serpente que não pode ser encantada
Fez seu ninho nas raízes da árvore Huluppu.
O pássaro Anzu fez seu ninho em seus ramos.
E a sombria Lilith fez sua casa em seu tronco.
A jovem mulher que gostava de sorrir, chorou.
Como Inana chorou!
(Ela não podia mais se aproximar de sua árvore)
Quando os pássaros começam a cantar, com a chegada da aurora,
O deus do Sol, Utu, deixou seu quarto.
Inana chamou seu irmão Utu, dizendo:
"Utu, nos dias em que os destinos foram decretados,
Quando a abundância da terra foi descoberta,
Quando o deus do Céu (An) fêz os céus, e o deus do ar (Enlil)
Fez a Terra,
Quando Ereshkigal ganhou o grande abaixo por domínio,
O deus da Sabedoria, Pai Enki, navegou pelas
Águas do mundo inferior,
E o submundo o atacou ...
Neste tempo, uma árvore, uma árvore solitária, a árvore Huluppu
Foi plantada nas margens do Eufrates.
O vento sul a embalou e suas raízes e ramos cresceram
Até onde o Eufrates desagua.
Eu peguei esta árvore do rio,
E a plantei em meu jardim particular.
Eu cuidei da árvore, esperando que ela fosse meu trono e minha
cama.
Então a serpente que não pode ser encantada
Aninhou-se em suas raízes,
E o pássaro Anzu aninhou-se em seus galhos,**

***E a sombria Lilith construiu sua casa em seu tronco.
Eu chorei.
Como eu chorei!
(porque não podia mais aproximar-me de minha árvore) "
Utu, o valente guerreiro, Utu,
Não podia ajudar sua irmã, Inana.
Quando os pássaros começam a cantar com a Segunda aurora,
Inana chamou seu irmão, Gilgamesh, dizendo:
"Gilgamesh, nos dias em que os destinos foram criados,
Quando a abundância foi descoberta no local da aterrissagem,
Quando o deus do céu criou os céus e o deus do ar
A Terra,
Quando Ereshkigal ganhou o grande abaixo para seu domínio,
O deus da sabedoria, Pai Enki, navegou
Pelo submundo,
E o submundo o atacou.
Neste tempo, uma árvore, uma árvore solitária, a árvore Huluppu
Foi plantada nas margens do Eufrates.
O vento sul a embalou e suas raízes e ramos cresceram
Até onde o Eufrates desagua.
Eu peguei esta árvore do rio,
E a plantei em meu jardim particular.
Eu cuidei da árvore, esperando que ela fosse meu trono e minha
cama.
Então a serpente que não pode ser encantada
Aninhou-se em suas raízes,
E o pássaro Anzu aninhou-se em seus galhos,
E a sombria Lilith construiu sua casa em seu tronco.
Eu chorei.
Como eu chorei!
(porque não podia mais aproximar-me de minha árvore) "
Gilgamesh, o valente guerreiro Gilgamesh,
O herói de Uruk, chamado por Inanna.
Gilgamesh vestiu sua armadura de cinquenta minas como proteção.***

***Cinqüenta minas eram para ele como cinqüenta plumas.
Pegou seu machado de bronze, o machado do caminho,
Pesando sete talentos e sete minas, em seu ombro.
Ele entrou no jardim de Inanna.
Gilgamesh atacou a serpente que não podia ser encantada.
O pássaro Anzu fugiu para as montanhas;
E Lilith abandonou sua casa e fugiu no vento, para lugares
desabitados.
Gilgamesh então cortou as raízes da árvore Huluppu;
E os filhos da cidade, que o acompanhavam, cortaram seus ramos.
Do tronco ele fez um trono para sua irmã.
Do tronco, Gilgamesh fez uma cama para Inana.
Das raízes ela fez um pukku para seu irmão.
Da coroa da árvore ela fez um mikku para Gilgamesh,
O herói de Uruk.⁵***

Quanta beleza na composição poética do poema! Seria cantado?

De uma coisa temos certeza: estamos diante de uma cultura complexa e de apurado senso estético tanto em seus aspectos formais como os filosóficos.

O que leva a pensar que, talvez, muitas experiências existenciais se repetem ao longo da história, reaparecendo em localidades e tempos diferentes! A vida no que há de eterno retorno.

Quantas imagens oferece para povoar o imaginário de quem lê ou escuta o poema! O rio, o jardim, a árvore, os animais e seres mitológicos, a mulher-agricultora, o machado do herói. O rio localiza a cultura suméria? Os temidos seres mitológicos – Anzu o enorme pássaro com cabeça de leão, a serpente que não se encontra e Lilit – indicam o tempo mítico? O jardim, associado ao paraíso, à consciência, à ordem, à civilidade e ao lugar da sabedoria aponta a temática arquetípica?

⁵ <http://documentofantastico.blogspot.com/2011/05/arvore-huluppu.html>

Esta imagem da árvore com os três seres mitológicos tem muito a nos dizer e também é um mistério para mim. A tríade (Serpente, Lilit, Pássaro) podem indicar uma concepção lunar do tempo. Enquanto a árvore pode indicar o símbolo da deusa-lua. O tempo lunar é cíclico, eterno retorno. Nesse tempo a morte vem em companhia da renovação (morte-renascimento) e está ligado ao ciclo vegetal, a uma vida dependente da agricultura⁶.

No mito da árvore huluppu, esta não crescerá se as três entidades permanecerem a reger a deusa-árvore. A serpente nas raízes simboliza (em diferentes culturas) a morte e seus mistérios; a Lilit poderia simbolizar a libido seminal da vida; o pássaro, o aspecto transcendente, a renovação. Porque haveria de se ter tornados negativos esses seres mitológicos, mais antigos do que a própria Inanna? Estaria aí um indicio de deteriorização de seus significados? Estaria aí a influência acadiana, buscando dominar os símbolos sumérios, enfraquecendo-os?

Porque esses seres teriam sido retirados da árvore para que os ciclos da lua continuassem seu eterno girar (fertilizando a terra, promovendo a vida)? O que poderia significar a ação de Gilgamesh, o princípio masculino, em que derrubar a árvore e dela confecciona dois móveis para sua irmã (princípio feminino): o trono e a cama de Inanna? Poderíamos falar em um tipo de domesticação de valores culturais?

Por outro lado, a árvore é sacrificada para se tornar madeira (assim como é sacrificada para se tornar cruz (como na história de Jesus) ou coluna central de algum lugar sagrado (como no mito de Osiris). O uso da madeira para esse fim nos levou a pensá-la como símbolo da fertilidade e da transcendência. De que modo? A cama não poderia ser o símbolo do fogo germinador, fogo oculto, fogo brasa? Uma representação ritualizada do ato sexual (fricção) como símbolo do modo como se consegue o fogo? Por outro lado, Cristo na cruz é simbolizado pelo fogo, fogo divino. E se divagarmos e nos permitirmos pensar na cama como uma cruz deitada, Inanna é preparada para promover o fogo divino entre os humanos. Mas, veja leitora e leitor, estamos tentando compor uma narrativa e... fabulamos.

⁶ DURAND, 1997.

Em confluência com essa chave interpretativa e fabular, disse do “jardim”, na perspectiva da Psicologia, como designação, para o homem (masculino), a parte sexual do corpo feminino⁷. Então, nessa chave, poderíamos dizer que nesse mito Inanna ainda seria uma menina-moça virgem? E que o machado de Gilgamesh simbolizaria a sua defloração?

Inicialmente, o significado da presença da intrigante cama de Inanna em seu templo nos escapou. Perguntamo-nos: Porque uma deusa desejaria ter uma cama em seu altar? Que relação traçar entre a Mãe Cósmica, o leito da deusa e os modos de vida dos sumérios?⁸

Mas não nos apressemos.

As narrativas míticas, para alguns pesquisadores⁹ consultados, são como “pistas” para aqueles que se aventuram à viagem para dentro de si mesmo. O mito nos transporta aos confins do mundo e ao início dos tempos. Nessa linguagem imagética o jardim associou-se ao Paraíso, a espécie cultivada por Inanna assemelhou-se à “arvore da vida”, à “arvore da sabedoria” - que humanizou Adão e Eva. A ação principal do mito de Inanna narrado acima, conta

⁷ Dicionário de símbolos.

⁸ Os templos sumérios (que vão até o período posterior babilônico) chamados zigurates eram as moradias dos deuses. Ao que nos parece, os sumérios acreditavam que os deuses moravam nos zigurates. Esses eram piramidais, constituído por escadarias e o templo. Escadaria que poderia significar a aproximação entre a terra (humana) e o céu (divino).

⁹ “Os mitos tem basicamente quatro funções. A primeira é a **função mística** – e é disso que venho falando, dando conta da maravilha que é o universo, da maravilha que é você, e vivenciando o espanto diante do mistério. Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia. Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada. Você está sempre se dirigindo ao mistério transcendente, através das circunstâncias da sua vida verdadeira. A segunda é a **dimensão cosmológica**, a dimensão da qual a ciência se ocupa – mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo-o de uma tal maneira que o mistério, outra vez, se manifesta. Hoje, tendemos a pensar que os cientistas detêm todas as respostas. Mas os maiores entre eles dizem-nos: “Não, não temos todas as respostas. Podemos dizer lhe como a coisa funciona, mas não o que é”. Você risca um fósforo – o que é o fogo? Você pode falar de oxidação, mas isso não me dirá nada.

A **terceira função é a sociológica** – suporte e validação de determinada ordem social. E aqui os mitos variam tremendamente, de lugar para lugar. Você tem toda uma mitologia da poligamia, toda uma mitologia da monogamia. Ambas são satisfatórias. Depende de onde você estiver. Foi essa função sociológica do mito que assumiu a direção do nosso mundo – e está desatualizada.

(...) Mas existe uma quarta função do mito, aquela, segundo penso, com que todas as pessoas deviam tentar se relacionar – a **função pedagógica**, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Os mitos podem ensinar lhe isso” (CAMPBELL, 1990, p. 31-32-33).

do sequestro da árvore por seres ancestrais, o que causa o afastamento de sua cuidadora, que não mais poderá fazer seu trono e sua cama (erguer seu templo). A alegria transforma-se em tristeza. A senhora-jardineira da vida, adocece. Vida terrena e espiritual. As cifras imagéticas nos levam a imaginar o mundo adoecido (secas ou dilúvios, esterilidade entre os seres vivos, escassez, epidemias); a vida psíquica adoecida (Inanna chora). Seu irmão Utu não é capaz de ajuda-la, pois somente aquele que encarna o poder sobre os homens (o rei) terá a força para restaurar a ordem. O machado de Gilgamesh parece ser símbolo de seu poder fálico e bélico.

Que beleza de ensinamento é soprado nos ouvidos de quem ouve esse belíssimo canto! A harmonia se restaura com a união do arquétipo feminino (Inanna) ao arquétipo masculino (Gilgamesh); os opostos. Duas forças criadoras do movimento, que é a própria vida. Neste mito Inanna e Gilgamesh vivem em mútua cooperação: o masculino integrado ao símbolo do poder (político, força física, externa) e o feminino integrado ao símbolo da autoridade religiosa (interna), ambos sagrados.¹⁰ Mas, e apesar dessa união, a pergunta continua: porque os seres ancestrais também não se integraram à cena? Há aí algum sinal de queda? De desvio de sentido dos valores primeiros dos sumérios? Teriam os acadianos enfraquecido alguns princípios antes associados à Deusa (o pássaro, a serpente e Lilit)?

É desse modo, confusas, que nos pusemos a imaginar o início do início da *Epopéia de Gilgamesh*.

Inanna e Ishtar não simbolizam a bondade maternal da Virgem Maria dos cristãos. Elas são louvadas e cantadas como deusas complexas e pouco ortodoxas. Se na versão suméria está na imagem de mulher harmoniosa cuidadora de um lindo jardim, na versão acádia, mostra-se a divindade que ultrapassa os limites do instituído, deusa sanguinária dos campos de batalha. As exigências dos sacrifícios em seu louvor são terrificantes (carne humana!). Ela é senhora da vida e da morte.

¹⁰ TRINDADE, Josh. Lulik, o núcleo dos valores timorenses In PAULINO, Vicente & APOEMA, Keu (Org), 2016.

Para se ter uma ideia da irreverência e do poder da deusa, trouxe, para compartilhar, o mito *dA descida de Inanna ao mundo dos mortos*.

Conta-se que Inanna, a regente do céu e da terra, certa vez voltou sua mente para o “grande abaixo”, o inframundo, terra de onde nunca se retorna, lugar dos mortos e onde reina sua irmã Erishkigal.

Inanna arruma-se com sua roupa mais bela, com suas joias mais brilhantes, com sua pintura mais deslumbrante, com seu perfume mais insinuante e caminha para o tenebroso “mundo de baixo”. De onde ninguém retorna.

Passa por sete portões. Em cada um deles é obrigada a despir uma peça de suas deslumbrantes vestes. Até chegar nua diante de sua irmã, que, furiosa pela visita inesperada, a mata com seu “olhar de morte”¹¹ e a pendura em um gancho.¹²

Inanna havia deixado aviso à sua sacerdotisa para pedir ajuda caso ela não voltasse em três dias. Ao ver que a deusa não retorna no tempo estipulado, a grande sacerdotisa pede clemência aos deuses; e a irreverente deusa é ressuscitada e resgatada com a condição de que Inanna retorne em dia estipulado ou mande um substituto em seu lugar. Ao chegar em seu palácio, rodeada por demônios que a acompanham para fazer cumprir o trato, todos estão em prantos por sua ausência apenas seu amado, belissimamente vestido e sentado em um luxuoso trono, não expressa sentir falta da esposa¹³. Imediatamente ela ordena aos demônios que o levem em seu lugar. E lamenta a ausência do amado.

Mais uma vez perguntamos: por que as narrativas míticas se repetem? São arquétipos ou narrativas viajantes? A deusa pendurada no gancho não lembra Jesus Cristo na cruz? Ambos ressuscitam. No entanto, o primeiro relato de que um ressuscitado de que se tem notícias, é o de uma deusa-mulher! Na concepção de alguns estudiosos¹⁴ o tempo do eterno retorno também é

¹¹ Em outra versão, são os Anunaki, juízes do mundo inferior, que proferem sentença de morte a ela. Em ambas as versões ela é pendurada em um gancho

¹² BRANDÃO, 2019.

¹³ Que em alguma outra versão é também mãe.

¹⁴ Durand, 1997.

simbolizado pelo nascimento do filho (o ressuscitado)¹⁵. Em versão apresentada desses autores, o amante da deusa é seu filho. E o episódio da deusa descendo no inframundos seria posterior à morte de seu filho-amante¹⁶. Tammuz, esse é um de seus nomes, desce ao inframundo e o mundo dos vivos entristece. Desse modo, os deuses permitem que ele permaneça um período na terra e outro período retorne ao mundo de baixo. Muitos especialistas ligam esse mito ao ciclo da vegetação (tal como no posterior mito de Demeter e Perséfone), também conhecido como o “drama agrolunar” (morte e ressurreição da vida).

Segundo algumas pesquisadoras, em outra chave interpretativa, Inanna expressa a cultura matrilinear de que faz parte. De acordo com os autores embasados nas teorias psicológicas, os rastros desse arquétipo vivem em nosso inconsciente e insurge por meio de sonhos e de formas poéticas.

Nessa versão que trouxemos do mito da descida de Inanna¹⁷, é dito que quando ela estava no “grande abaixo” o boi não mais cobria a vaca, o asno não mais emprenhava a asna, nem o moço à moça. Na versão acácia sua irmã a contaminara com sessenta doenças.¹⁸

Como interpretar a ação da descida da deusa na versão que aqui trouxemos? Alguns afirmam tratar-se de ambição por aumentar seus domínios de poder, outros associam ao rito de acompanhar o morto (pois em uma das versões ela alega que vem ao enterro do cunhado ou em outras, ela segue o funeral de seu filho amante). Outros ainda, que se trata de uma iniciação, uma descida para dentro de seu próprio abismo, resgatando o feminino subjugado (sua irmã).

Há outra interpretação, que não encontramos nos documentos que lemos, e que a formulamos na solidão. Associamos a descida de Inanna à cura das doenças.

¹⁵ “O argumento desse drama [o drama agrolunar] é essencialmente constituído pela morte e ressurreição de uma personagem mítica, na maior parte dos casos divina, ao mesmo tempo filho e amante da deusa lua” (DURAND, 1997, p. 299).

¹⁶ “O exemplo mais nítido e eloquente do papel do Filho nos é fornecido pelo drama de Tamuz, equivalente mesopotâmico do Adônis fenício e do Osíris egípcio, filho da Grande Deusa Ishtar. Na idade viril torna-se amante da mãe, depois, condenado à morte, desce aos infernos quando do verão tórrido da Mesopotâmia. Então os homens e a natureza põem-se em luto e Ishtar desce ao país do “não retorno” para procurar o filho querido” (DURAND, 1997, p. 303).

¹⁷ Há muitas versões, seja por se tratarem de tabuinhas encontradas em diferentes sítios arqueológicos, seja por razões de tradução

¹⁸ Idem.

Em certa documentação¹⁹ consultada, o pesquisador apresenta o tratamento das doenças pelos sumérios e que elas eram associadas aos deuses e aos “demônios” (seres inferiores aos deuses principais). Há ainda rezas de invocação ao deus dos infernos (o marido/filho de Inanna que ela manda para o inframundo ou que morre por outro motivo) o que nos leva a associar a busca da deusa por controle das doenças e, por conseguinte, da cura de seus “filhos”. Diante da doença, no xamanismo, por exemplo, o sacerdote (xamã) recita o mito de origem da doença diagnosticada enquanto realiza os procedimentos médicos (uso de substâncias).²⁰ Na mesma fonte de estudos encontramos a informação de que há vestígios de que os sumérios sofreram muitas epidemias.²¹ E, então, perguntamos, se o mito da descida de Inanna não poderia referir-se a um ritual de cura coletiva? Se não poderíamos associá-lo ao aspecto de “mãe das ervas”?²² O importante para nós, é buscar os domínios, mesmo que tangentes, da atuação da deusa no cotidiano dos sumérios.

Se pensarmos no arquétipo das irmãs, Inanna e Erishkgal, como opostos complementares, a descida de Inanna - um confronto provocado por Inanna -, passa a significar a busca da união primeira, da unidade antes da separação. Portanto, trata-se de uma iniciação em que algo morre em nós para renascer outra. Dessa forma, a descida de Inanna pode significar o retorno ao princípio original, à sua espiritualização.

Não poderíamos passar adiante sem comentar o intrigante final da narrativa nessa versão que aqui apresentamos, quando a deusa intima que seu amado seja levado ao inframundo. E, o mais surpreendente: ela lamenta-se como uma

¹⁹ BOTTÉRO, 2011.

²⁰ “Na maioria dos casos, não basta conhecerem o mito da origem, é preciso recitá-lo; em certo sentido, é uma proclamação e uma demonstração do próprio conhecimento. E não é só: recitando ou celebrando o mito da origem, o indivíduo deixa-se impregnar pela atmosfera sagrada na qual se desenrolaram esses eventos miraculosos. O tempo mítico das origens é um tempo “forte”, porque foi transfigurado pela presença ativa e criadora dos Entes Sobrenaturais.

Ao recitar os mitos, reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, conseqüentemente, “contemporânea”, de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses ou dos Heróis. Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que, ao “viver” os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo “sagrado”, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável. (ELIADE, 1992, p. 17)

“Pelo fato de relatar as gesta dos Entes Sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados, o mito se torna o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas” (Idem, p.9).

²¹ BOTTÉRO, 2011.

²² DURAND, 1997, p. 297.

viúva. Aqui temos um aspecto interessante e complexo da deusa. “Sua força reside na capacidade de desistir daquilo que há de mais precioso, a fim de garantir crescimento e regeneração, a transformação só pode ocorrer quando atitudes e valores antigos são substituídos por novos”.²³ Ela é capaz de compreender quando um “relacionamento termina” (a morte). Age para fazer morrer o que necessita renovar-se. Mas também é sensível para prantejar o que morre, atitude de saúde psíquica. Não se trata de uma atitude de frieza, de “enterrar” a emoção de um “amor frustrado”, mas de sofrer a perda em toda sua extensão.

Uma vez apresentada a deusa Inanna, vamos, então, à narrativa da *Epopéia de Gilgamesh* para buscar as características e o destino de Ishtar entre os acádios.

Voltemos a Uruk, a cidade murada.

Parece que as invasões eram frequentes naquela região.

Os muros de Uruk foram construídos por um rei muito belo e forte que andou mundo afora. Em todo o mundo ele não encontra opositores. Já o conhecemos, ele é Gilgamesh. Dizem que se constituía dois terços divino e um terço humano (ou ao contrário dependendo da versão). Torna-se rei de Uruk. E, talvez, por não ter opositores no mundo, Gilgamesh nunca pede; sempre ordena.

Aos olhos de seu povo, o rei age de maneira estranha e opressiva. E, fartos e desesperados, seu povo murmura em suas casas: *Não há pai a quem tenha sobrado um filho, pois Gilgamesh os leva todos, até as crianças; sua luxúria não poupa uma só virgem para seu amado, nem a filha do guerreiro nem a mulher do nobre; um rei deveria ser um pastor para seu povo.*²⁴ Dizia Gilgamesh que agia de acordo com as determinações dos deuses.

²³ QUALLS-CORBETT, 1990, p.83.

²⁴ Epopeia de Gilgamesh, anônimo. Todo texto narrativo em negrito é citação direta.

Talvez tratasse de um rito antigo, rito de iniciação sexual, em que a moça era deflorada por um membro escolhido pela tribo.²⁵

Para o povo de Uruk esse costume perdera seu sentido aparentando desmedido para seus modos de vida; talvez, desusado para uma sociedade urbana e complexa como aquela.

A narrativa nos indica um período de transição cultural?

Mas ninguém ousa contradizer Gilgamesh frente a frente.

Na mitologia suméria os deuses teriam criado os seres humanos com resistência física e psíquica para alimentá-los e servi-los em suas necessidades. As divindades eram donos das terras e os homens, uma espécie de meeiros. Tais relatos levam alguns historiadores a indicar serem estes os modos de produção dos sumérios (ou seria dos acádios?). No mito de origem, os homens e as mulheres foram moldados a partir do barro, o que explicaria a mortalidade destes; era um barro misturado ao sangue de um deus imolado, de casta inferior.

Esta história do barro vem de longe!

Na comparação com outras cosmogonias, observa-se a origem humana sem descendência direta com as divindades. No caso dos sumérios, há uma remota aproximação, pois o sangue do deus imolado pode simbolizar um parentesco longínquo com as divindades.

Será que Gilgamesh expressa a experiência existencial da “queda”, experiência de separação entre humanidade e divindade (a mesma vivenciada pelos povos bíblicos posteriores); será que indica tal vivência sofrida pelos sumérios em tempos tardios?²⁶

²⁵ QUALLS-CORBETT, 1990, p.39.

²⁶ Na cosmogonia hinduísta isso não acontece. “Na versão indiana é o próprio deus que se divide e se torna não apenas homem, mas toda a criação; de maneira que tudo é uma manifestação daquela única substância divina onipresente: não há outro. Na Bíblia, entretanto, Deus e homem, desde o início, são distintos. De fato, o homem é feito à imagem de Deus e o sopro de Deus foi insuflado em suas narinas; mas seu ser, seu Si-Próprio, não é o de Deus, nem tampouco é uno com o universo. A criação do mundo, dos animais e de Adão (que então se tornou Adão e Eva), foi realizada não dentro da esfera da divindade, mas fora dela. Há, conseqüentemente, uma separação intrínseca e não apenas formal. E o propósito do Conhecimento não pode ser contemplar Deus aqui e agora em todas as coisas; pois Deus

Presentimos, mais uma vez, que a narrativa de Gilgamesh que aqui trazemos para análise pode estar retratando um momento liminar da sociedade suméria.

Bem, o fato é que os deuses escutam as súplicas do povo de Uruk para que seus serviços não sejam interrompidos e resolvem criar um outro ser humano igual ao rei, que fosse tão parecido com Gilgamesh quanto seu próprio reflexo, seu segundo eu, para que eles se enfrentassem e deixassem a cidade em paz. Foi então que a deusa Aruru (Mami para os acádios) concebe em sua mente uma imagem cuja essência era a mesma de Anu ou An, o firmamento, o primeiro nascido do oceano cósmico. Depois então, *ela mergulhou as mãos na água e tomou um pedaço de barro; ela o deixou cair na selva e ali foi criado o nobre Enkidu.*

Enkidu vive com e como os animais: come grama e bebe água dos lagos. Um dia um caçador o encontra e volta aterrorizado para casa. Seu pai o aconselha a falar com Gilgamesh que o concede uma “prostituta” do templo de Ishtar para que seu poder feminino sobrepujasse aquele que aparenta a um animal selvagem.

A palavra prostituta não soa estranha? Para nossa cultura a prostituta é aquela que vende seu corpo em troca de favores mundanos. Na narrativa o caçador vai buscar a moça no templo de Ishtar, uma sacerdotisa portanto! Se a chamamos de prostituta, seria, então, uma “prostituta sagrada” para diferenciar da prostituta profana?

De fato, aos olhos de nossos valores ocidentais evangelizados o termo carrega uma contradição.

E o caçador, pálido de medo leva a sacerdotisa de Ishtar para a floresta. Quando avistam aquele ser, o caçador pálido de medo diz à mulher para não ter vergonha, para despir seus seios (em outras traduções ela despe sua

não está nas coisas. Deus é transcendente. Apenas os mortos veem Deus. O propósito do conhecimento tem que ser, antes, conhecer a relação de Deus com sua criação, ou, mais especificamente, com o homem, e através de tal conhecimento, pela graça de Deus, religar a própria vontade de cada um com a do Criador.” (CAMPBELL, 2004, P.10)

vulva) e acolher o amor daquele homem-bicho, para deixar que ele possuísse seu corpo.

Na etimologia da palavra prostituta, do latim, significa aquela que se mostra.

O caçador pede ou talvez suplique, pois está pálido de medo, para que a mulher ensine tal criatura as suas “artes de mulher”, para que quando ele venha a murmurar palavras de amor, os animais da selva o repudiem.

A prostituta sagrada seria, então, uma mulher que expõe seu corpo e, por ser dotada de uma sacralidade (magia), uma *arte* ligada ao sexo e à deusa, é capaz de apaziguar os instintos dos homens!

Dizem que assim aconteceu, pois agora Enkidu tinha o conhecimento dentro de si e os pensamentos do homem ocupavam seu coração.

Se levarmos em frente a noção de prostituta sagrada da narrativa de Gilgamesh, a mulher servidora de Ishtar, mulher que expõe seu corpo, que realiza uma magia erótica, é alguém que conduz seu (ou sua) amante ao exercício do pensamento para adquirir conhecimento. Ela transforma a ingenuidade em sabedoria. Ou seja, transforma o que é caótico e não dominado (as paixões, os instintos) em matéria dominada e moldada (estética) pela inteligência humana.

Gente, onde estão essas servidoras de Ishtar para nos ensinar tal sabedoria de vida na atualidade em que testemunhamos um número alarmante de feminicídios!? Homens degradados, que perderam a civilidade e esqueceram até de quando viviam com os animais?

No caso dos sumérios, tudo acontece por meio do sexo sacralizado! Ou seja, o conhecimento se adquire pelo corpo inteiro e não exclusivamente com a mente (pelo nosso racionalismo). Não é sofisticado? Para alcançar o humano Enkidu aprende a controlar suas paixões e a espiritualizar-se por meio do sexo sagrado. Seu relacionamento com a prostituta sagrada, trata-se, então, de processo de iniciação ao mundo dos sumérios?

E nós, como somos humanizados na contemporaneidade? Como humanizamos nossas crianças? Colocamo-las sentadas várias horas para “aprender” línguas, matemática, estudos sociais, etc. O corpo é menosprezado para esse processo

de aprender! E esses sumérios falando do aprendizado por meio do corpo inteiro!? Até parece que involuímos!?

A mulher, a prostituta e sagrada, veste o Enriku e o leva para a cidade ensinando-o a comer e a beber como os homens do lugar.

A prostituta sagrada é uma pedagoga do processo de humanização daquele ou daquela que só tem instintos.

Transforma o inumano em humano! Que coisa maravilhosa!

A sacerdotisa de Ishtar é uma maga, pois tem a força para fazer germinar a semente da alma humana, e, tal como sua deusa jardineira, transforma o que cresce espontaneamente e sem direção em formas belas (tal como fazemos quando cultivamos um jardim). O homem (masculino) torna-se um jardim (obra de arte) quando cultivado pela deusa (artista). A mulher (feminino) aprende o ofício da jardinagem dos corpos para alcançar suas almas.

O princípio masculino, o diamante bruto; o princípio feminino o instrumento de lapidação; as almas unidas, ou, o princípio da unidade, princípio da criação.

Ishtar poderia ser a deusa da Educação! Ou seriam atributos de Inanna canibalizados para o templo de Ishtar?

A existência da “prostituta sagrada” vem desde tempos antigos, dizem os documentos. Essas mulheres possuíam prestígio social e direitos garantidos (diferente das prostitutas profanas) entre os sumérios. Pudemos compreender, então, que a aparência do contraditório, no termo “prostituta sagrada”, atrela-se ao nosso modo de pensar contemporâneo ocidental.

A civilização ocidental euro-centrada e evangelizada por maus sacerdotes desvinculou a sexualidade da espiritualidade promovendo um holocausto contra mulheres e pessoas que professavam outra fé que não a da Instituição Cristã. Hoje tal fenômeno é conhecido pela “caça às bruxas”, mulheres que sob a tortura eram obrigadas a “confessar” que copulavam com o “demônio”.

Na Suméria, “a natureza sexual do homem e da mulher e sua atitude religiosa pareciam ser inseparáveis”²⁷. Na tradição medieval europeia, a sexualidade foi demonizada e a espiritualidade deveria ser alcançada por meio do martírio da carne. O monoteísmo, ao impor um deus único e masculino, fez de Inanna e todos os seus outros nomes, demônios a serem combatidos²⁸. O princípio feminino ligado ao arquétipo de Inanna teria sido subjugado e fortemente reprimido em tempos não muito distantes.

Talvez o pavor dos ultraconservadores do monoteísmo de orientação patriarcal, com relação à deusa, provenha do prestígio dela diante do povo.

Do ponto de vista psicológico, a deusa era possuidora de um poder para iniciar os homens a viverem sem sociedade, humanizar, mas também produzia o contrário: homens viravam bicho, como veremos mais adiante. A deusa, ligada aos ciclos lunares, poderia trazer a fertilidade, mas também a loucura e a infelicidade. Ao invés de tratá-la com respeito essas culturas patriarcais tentam, por todos os meios, eliminá-la ou minimizar seu poder diante do povo.

Mas ela não é uma mortal !!!

Enkidu vive feliz com a mulher-prostituta-sagrada em um sítio até que aparece alguém noticiando que Gilgamesh novamente quer ter o privilégio da primeira noite de uma noiva cujo casamento seria no dia seguinte. E quando Enkidu toma conhecimento da atitude de Gilgamesh, deseja desafiá-lo pois quer conhecer alguém que possa compreender seu coração, mas também deseja mudar a velha ordem. Enkidu vai até a cidade de Uruk, desafia Gilgamesh, lutam, e Gilgamesh derruba Enkidu. Nesse momento eles se abraçam e a amizade está selada.

²⁷. “Seus louvores de agradecimento, ou em suas súplicas, eles ofereciam o ato sexual à deusa, reverenciada pelo amor e pela paixão. Tratava-se de ato honroso e respeitoso, que agradava tanto ao divino quanto ao mortal. A prática da prostituição sagrada surgiu dentro desse sistema religioso matriarcal, e por conseguinte não fez separação entre sexualidade e espiritualidade”. (QUALLS-CORBETT, 1990, p.38)

²⁸ Não tivemos fôlego, nesta pesquisa, para continuar a levantar a presença de Inanna em outras culturas e momentos históricos. Tivemos notícias de Asherah, deusa israelita, consorte de Javé, que tem muitos atributos de Inanna e Ishtar. Mas fica aí a dica para quem se interessou pelo tema. E eu mesma pretendo dar continuidade com a ajuda dos estudiosos.

Está-se diante de uma religião que acredita em deuses perambulando por entre as gentes, deuses que decidem o destino de todos. Desse modo, os sumérios desenvolveram práticas rituais associadas com as futuras astrologia, fisiologia e outras artes adivinhatórias.²⁹

Dizem que Ninsun, a deusa “vaca sagrada”, era a Grande Mãe. Ela também está associada à Lua. Ela é a mãe de Gilgamesh. Na Epopeia ela prevê o futuro e interpreta os sonhos de seu filho até a chegada de Enkidu, o próximo decifrador dos sonhos do amigo-irmão.

Os deuses sumérios conversavam com os seres humanos através dos sonhos. E foi deste modo que o deus Enlil determinou o destino de Gilgamesh: que ele reinaria na terra, mas não teria a dádiva da vida eterna. O soberano não gosta muito da notícia e como resposta aos desígnios do deus, resolve deixar seu nome gravado na pedra (para sempre) realizando um feito que nenhum homem poderia fazer: derrubar a floresta dos cedros e matar seu indestrutível guardião.

E assim o fez, e assim alcançou a vitória com a ajuda do deus da justiça, deus sol, Shamash e de sua mãe Ninsun.

Nessa parte da história ficamos com interrogações na cabeça. Porque haveria ele de destruir uma floresta inteira, matar seu guardião, como se esse feito o levasse à imortalidade, como se justificaria seu nome gravado na pedra? Procuramos explicações entre os doutores, e encontramos somente respostas frouxas que nem valem a pena deixá-las aqui. Não pudemos deixar de associar esse episódio com o que vivemos com nossas florestas e seus guardiões (os povos originários).

Estaríamos diante de um momento da cultura suméria em que a ideia de civilidade estaria associada à vida urbana que, por sua vez, se contrapunha à ideia de sociedade agrária, tribal, associada à vida na floresta? Civilização X Natureza? Mas se os lugares terrenos são propriedades dos deuses sumérios,

²⁹ BOTTÉRO, 2011.

o que significaria um ser humano destruí-los? Seguimos para ver no que isso tudo vai dar.

Foi então que aconteceu o inesperado. Ao voltar vitorioso da famigerada batalha, Gilgamesh lava seus longos cabelos e os joga para trás dos ombros, veste roupas novas, coloca seus mantos reais e os ajusta ao corpo. Mas, ao vestir a sua coroa, a exuberante Ishtar levanta seus olhos e contempla a beleza do rapaz.

É ao ritual *hieros gamos* a que se refere esse convite da deusa, igualando-o a um deus.

Mas, antes, vejamos, associamos os rituais da deusa à *ars erótica*. Por meio do corpo, a deusa purifica seus amantes. Os amantes, ao oferecer seus corpos como matéria de sacrifício à deusa, pelo êxtase (sagrado), recebe o que veio buscar.

Vamos cantar baixinho, em seu ouvido leitora\leitor, um hino em louvor à deusa que aprendemos com uma admiradora de Inanna. Queremos que experimentem, no corpo, o poder de Inanna.

***Ele esculpiu meus quadris com suas doces mãos,
O pastor Dumuzi encheu meu colo com creme e leite,
Ele acariciou meus pelos púbicos,
Ele agitou meu útero.
Ele tocou com suas mãos em minha sagrada vulva,
Ele alisou minha nau escura com seu creme,
Ele tocou minha nau estreita com seu leite,
Ele me acariciou-me no leito.
Então eu acariciei o alto sacerdote no leito,
Eu acariciei o fiel pastor Dumuzi,
Eu acariciei seus quadris, a força do pastoreio da terra,
Eu decretei um doce destino para ele³⁰.***

³⁰ DUPLA, 2016.

Não é gostoso ouvir esse hino? Não dá cosquinha? Não dá vontade de tomar um vinho e gargalhar à solta? Desenhar? Representar? Escrever? Dançar? Compor uma canção? Menina (para alguns meninos também) que me lê, não sei se quando criança você brincava com as roupas de sua mãe, seus sapatos de salto, seus batons para representar diante do espelho. Eu adorava ser a rainha cantante. Será que a deusa brincava entre nós?

Na cultura suméria realizava-se os festivais de nome a-ki-ti (ou akitu).³¹ O que simbolizavam? Tratava-se de uma procissão do rei pela cidade quando regressava de conflitos seja como vitorioso ou como condenado; ou uma festividade em honra aos deuses.

Ora, depois da famigerada destruição da floresta e da morte de seu guardião, Gilgamesh está esplendidamente vestido, como no cerimonial tradicional!

Na festividade da vitória de Gilgamesh, a deusa, ao olhar para o rei, o apreciar, ofereceu-lhe a união sagrada com ela, tal como era de costume. E, para instruí-lo, cantou. Disseram-nos uma doutora no assunto que “o canto soava como coordenadas ensinando o governante os passos do abraço sagrado. Inanna vestida de Ishtar mostrava como deveria ser satisfeita e qual seria a recompensa de Gilgamesh caso tivesse êxito”.³²

Cantou ela ainda para o rei:

Quando eu me banhei para o rei, para o senhor, quando eu me banhei para o pastor Dumuzid³³, quando eu adornei meus flancos (?³⁴) com unguento (?), quando eu ungi minha boca com óleo balsâmico (?), quando eu pintei meus olhos com Kohl, então ele esteve meus quadris com as mãos justas, quando o senhor que se deita ao lado de santa Inana, o pastor Dumuzid, possuiu no colo dele, quando ele relaxou (?) ... em meus puros (?) braços, quando ele teve relação sexual (?)

³¹ Idem.

³² DUPLA, 2016, p. 142

³³ Dumuzid ou Tammuz, é aqui seu marido e\ou filho.

³⁴ Essas interrogações estão na tradução, provavelmente são fragmentos não traduzíveis.

comigo ... como cerveja selecionada, quando ele brincou com meus pelos púbicos, quando ele brincou com o cabelo da minha cabeça, quando ele colocou suas mãos sobre minha santa genitália, quando ele se deitou no meu doce ventre ... (ausência de duas linhas) quando ele me tratou com carinho na cama, então eu também tratei com ternura, meu senhor”.

“Eu vou decretar um bom destino para ele! Vou decretar um bom destino para ele! Eu vou trata-lo com carinho em sua ... ! Eu decretarei o destino do pastor como comandante de todas as terras!” ³⁵

Fica claro para você também qual o símbolo do sexo para a cultura suméria? A união dos corpos, o sexo, para essa gente, nada tinha que ver com um simples ato de satisfação fisiológica. As pessoas pareciam admirar o abraço sensual como presença divina. Não lhe parece que essa gente, que compunha esses hinos, era surpreendida com a atração entre os corpos e, por conseguinte, com os nascimentos?

É possível supor que os sumérios admirassem o fenômeno do sexo e cultuassem-no como sendo a vontade da deusa no corpo humano: monarcas, clérigos, mulheres desesperadas, adúlteros, solteiros, casados, pederastas, conquistadores, jovens núbeis, guerreiros e quem mais chegasse, todos eram bem vindos.

E a deusa era marota, pois fazia mulher virar homem e homem virar mulher!

No ano novo realizava-se o ritual da *hierogamia* quando era preparado o leito para o rei se unir à deusa (provavelmente representado por uma sacerdotisa de Ishtar ou, como dito acima, a prostituta sagrada). Por esse rito, as forças fertilizadoras eram renovadas. Sexo e espiritualidade estavam unidos.

Hoje, substituímos a *ars erotica* pela *scientia sexualis* ³⁶ em que ficamos confessando nossos desejos ao psicanalista e, nas horas vagas, assistimos

³⁵ IDEM, p. 141.

³⁶ FOUCAULT, 1988.

vídeos pornográficos para conhecer esse ato tão primitivo que é a relação sexual, pois é desse modo que muitos jovens me explicaram como realizam sua iniciação sexual! Mas nossos poderosos e maus sacerdotes (pois muitos são os bons) ao professar supostas palavras de um deus único e masculino separou sexualidade de espiritualidade.

Mas voltando à Suméria, há um detalhe que gostaria de lhe contar.

Em muitas versões dos mitos, a deusa Inanna ou mesmo Ishtar não aparecem com filhos! Não eram a representante da união estável e monogâmica. Em suas epifanias, se mostravam como a bela aparência de mulher exuberante, linda em seus trajes, em sua maquiagem, em seus perfumes, em sua elegância de corpo. Eram deusas diferente, entidades que não cabem nos arquétipos da mãe ou da esposa.

Por essa você não esperava, hem?

Pois, então, ela promovia a fertilidade, mas seu grande amor estava em suscitar o extase, o fora de si, o eterno retorno da união dos deuses Céu (An) e Terra (Ki) por meio do enlace dos corpos. Experimentava-se o retorno ao Si-mesmo. O abraço sexual com a presença da deusa (ou com a própria deusa) era voltar ao princípio dos tempos da criação. Portanto, de forma indireta, a deusa oferecia, aos seres humanos, a experiência da unidade, o retorno à origem dos seres divinos. Seria isso o ato de humanizar atribuído a Ela? Transgressora, Ela levava os amantes a experimentar segundos de totalidade! Segundos de vazio? Meditação?

Ainda bem que temos nossa *scientia sexualis*³⁷, não é? Ahahahah.

Pois então, voltando à história de Gilgamesh, dizíamos que Ishtar quando olha a beleza do rapaz, se sente atraída. E, inesperadamente, sempre transgredindo a todos os protocolos, ela lhe faz uma proposta:

³⁷ Michel Foucault opõe a ars erótica (arte erótica dos orientais) à *scientia sexualis* dos ocidentais. Naquela aprendemos do sexo por meio da prática sexual; na ciência sexual aprendemos teoricamente, conceitualmente sobre o sexo. Naquela podemos falar de arte, nesse podemos falar em conhecimento científico.

- Vem comigo, Gilgamesh, e sê meu consorte; infunde-me a semente de teu corpo; deixa-me ser tua mulher e serás meu marido...

Nem vou seguir com esse texto traduzido pois me parece cheio de pudores. Na verdade, soube por outras fontes, que ela poderia ter dito o que se segue:

Excite-se! Excite-se! Enrijeça! Enrijeça! Excite-se como um cervo! Enrijeça como um touro selvagem! (...) Faça amor comigo seis vezes como um corço! Sete vezes como um cervo! Doze vezes como um perdigão! (Animais reputados por seu vigor sexual.) Faça amor comigo porque sou jovem! Faça amor comigo porque sou ardente! Faça amor comigo como um cervo! E eu, protegida pelo deus Ningirsu, te acalmarei!³⁸

E Gilgamesh se faz surpreso com a proposta de casamento da deusa, como se ignorasse a tradição do *hierogamos*, responde:

Se vos tomar por esposa, que presentes poderei oferecer em troca? De bom grado dar-vos-ia pão e todo tipo de comida à altura de um deus. Dar-vos-ia de beber um vinho digno de uma rainha. Eu abarrotaria vosso celeiro de cevada; mas fazer de vós minha esposa, isso não. O que seria de mim? Fostes para vossos amantes como um braseiro que arde sem chama no frio, como uma porta que não protege do vento cortante ou da tempestade, uma fortaleza que esmaga sua guarnição, uma jarra que enegrece o ombro de quem a carrega, um odre que escoria e esfolia a pele de seu portador, uma rocha que cai do parapeito, um aríete vindo do inimigo, uma sandália que faz tropeçar aquele que a veste. Qual de vossos amantes chegastes alguma vez a amar para sempre? De qual de vossos pastores não vos cansastes? Escutai-me enquanto conto a história de vossos amantes.

³⁸ BOTTÉRO, 2011, p. 68

Havia Tammuz, o amor de vossa juventude; decretastes por ele o choro e a lamentação, ano após ano. Amastes o multicolorido gaio, mas ainda sim desferistes um golpe contra sua asa, quebrando-a; agora, pousado em alguma árvore do bosque, ele chora 'cápi, cápi, minha asa, minha asa'. Amastes o leão de tremenda força; preparastes para ele sete armadilhas, e mais sete. Amastes o garanhão que era magnífico na batalha, e para ele decretastes o chicote, a espora e a correia; ordenastes que galopasse sete léguas todos os dias e que lhe dessem água suja para beber; e para sua mãe, Silili, impusestes as lamentações. Amastes o pastor do rebanho; dia após dia ele vos preparava um bolo de aveia; e sacrificava cordeiros em vossa homenagem. Vós o golpeastes e o transformastes num lobo; agora seus próprios filhos o afugentam, seus próprios cães de caça o acoçam, lacerando-lhe os flancos. E não amastes também Ishullanu, o jardineiro do bosque de palmeiras de vosso pai? Ele vos trazia incontáveis cestas repletas de tâmaras; todos os dias ele cobria vossa mesa. Então olhastes para ele e dissestes: 'Caro Ishullanu, vem comigo, vamos desfrutar de tua virilidade, aproxima-te e toma-me em teus braços, sou tua.' Ishullanu respondeu: 'O que estais me pedindo? Minha mãe cozinhou e eu comi; por que deveria recorrer a alguém como vós para obter comida contaminada e pútrida? Pois desde quando um biombo de treliça é proteção suficiente contra a geada?' Ao ouvir sua resposta lançastes contra ele um feitiço. Ele se transformou numa toupeira cega que habita as profundezas da terra, alguém cujos desejos estão sempre além de seu alcance. E, se nos uníssemos, será que eu não receberia o mesmo tratamento dispensado a todos esses que um dia amastes? (Os grifos são nossos).

Desculpe-nos a longa citação, mas sem ela não há como compreender o desenrolar trágico do que virá a seguir.

Observamos aqui, como havíamos prometido acima, os feitos de magia realizados pela deusa (transformou o pastor do rebanho em um lobo; o jardineiro do bosque em toupeira cega; mandou Dumuzi\Tamuz para o inframundo). Se acima, na epifania da prostituta sagrada, ela transformou Enkidu em humano, aqui, na epifania de uma linda mulher, ela transformou o humano em devir-bicho quando contrariada. A deusa também é rainha dos desejos entre os animais e pode, com eles, copular (com o pássaro, com o leão, com o garanhão).

Quais ensinamentos se emaranham nessas transformações comandadas pela deusa? Se os mitos são dicas para nossa caminhada existencial, as transformações ou ferimentos dos amantes de Inanna vestida de Ishtar esclarecem a lei da reciprocidade: a maneira como o ser humano se comporta diante da vida lhe trará fortuna ou desgraça. A vida, essa deusa feiticeira exige certo comportamento ético.

Gilgamesh provavelmente teria se transformado em um asno, como no romance de Apuleio, se sua falta não fosse tão grave!

Para ele foi reservado um destino trágico e sem volta.

A recusa à união dos opostos resulta em desfazer o arquétipo da polaridade homem\mulher (que se atraem). O poder terreno (masculino) se separa da espiritualidade (feminino) e a deusa do amor é tratada como uma prostituta profana³⁹. E novamente se performa a arquetípica rivalidade entre a serpente (terrena) e a ave (celeste).

Outra interpretação que se apresenta, pelas entrelinhas da narrativa, trata-se da recusa do monarca em celebrar o festejo a-ki-ti. Poderíamos estar diante de uma colonização dos costumes sumérios pelos acadianos? A partir deste ponto da narrativa, ele caminha solitário. Gilgamesh descreve as aventuras sexuais da

³⁹ “Psicologicamente, o matrimônio sagrado simboliza a união dos opostos. É a aproximação, em igualdade de *status*, do princípio masculino e do feminino, a conjugação da consciência e da inconsciência, do espírito e da matéria. É processo místico através do qual elementos desconectados reúnem-se para formar um todo. Na consumação do *hieros gamos*, sexualidade e espiritualidade são aspectos integrais, cada um extraindo vitalidade do outro. Esse processo psíquico, escreve Jung, efetua a “terralização” do espírito e a espiritualização da terra, a união dos opostos e a reconciliação dos divididos” (QUALIS-CORBETT, 1990, p.102).

deusa com repugnância. Ignora a vontade iniciática da deusa? Ele reage com o que tinha de melhor: a violência?

Sob os olhos de quem não consegue ler os sinais divinos, ou ignora o sentido da iniciação propiciada pelo costume sagrado do *hierogamos*, ousa Gilgamesh “julgar” os atos da deusa, e, deste modo, a desrespeita.

O elo de cooperação observado entre Inanna e Gilgamesh no mito da árvore, aqui se rompe. Provavelmente não se trata mais de Gilgamesh, o representante do homem sumério, mas de Gilgamesh acádio. E, portanto, preenchido por valores patriarcais em ascensão.

Gentileza era o que Gilgamesh nunca tinha experimentado. Ele queria o “amor para sempre”, sem compreender que o “para sempre, sempre acaba” para a condição humana.

Teria tido receio da fase escura da deusa-lua? Algumas pesquisadoras feministas também leem sinais de um patriarcado nascente nesta narrativa⁴⁰. A história transmite o processo de destronamento da deusa por parte de Gilgamesh e Enriku. Seriam eles, os heróis do patriarcado nascente?

Imagem, leitora e leitor, a deusa se manifestando para Gilgamesh acádio como fez com seu discípulo Ramakrishna, sacerdote de um templo à Mãe Cósmica na Índia! Ouça as palavras do doutor que me contou o episódio:

Numa manhã calma, Ramakrishna percebeu que uma bela mulher saía do Ganges e se aproximava do bosque em que ele meditava. Notou que ela estava prestes a dar à luz. Num átimo, o bebê nasceu e ela cuidou dele ternamente. Todavia, no momento seguinte, ela assumiu um aspecto horrendo, pôs o bebê em suas agora terríveis mandíbulas e o esmagou e mastigou. Engolindo-o, retornou ao Ganges, onde desapareceu.⁴¹

O doutor esclarece que a deusa toma a aparência de acordo com o grau de sabedoria do praticante. Ramakrishna, por ser um sábio, recebe, da deusa, o ensinamento profundo sobre a vida: ela é terna e terrível; dá e toma o que lhe

⁴⁰ ROESE, 2010.

⁴¹ CAMPBELL, 1990.

pertence. O que o sábio acolheu sem revolta, como se dissesse ‘sim’ à divindade.⁴²

O que seria de Gilgamesh diante dessa epifania? Ficaria branco de medo ou, com seu machado teria entrado no rio para matá-la?

E morreria afogado como um tolo. Ahaahahahahah.

Há um modo (respeitoso e estético) de comportar-se diante da divindade que necessita ser aprendido pelo pretense herói. Na descrição das metamorfoses dos amantes da deusa, é interessante perceber a supressão das causas de algumas transformações e, quando elas são explicitadas, demonstra um tratamento inapropriado do amante para com a deusa. Na versão acádia, porém, percebe-se que a deusa é representada como caprichosa. No entanto, o poder para o devir-bicho possa, talvez, nos indicar uma sabedoria dos sumérios em buscar o domínio do impulso libidinal, dar-lhe a importância de um ato divino, dá-lhe a importância de um poder de destruição que os seres humanos necessitam aprender a dominar.

Será que a narrativa de “chapeuzinho vermelho”, o “barba azul”, “a donzela sem mãos” e tantas outras não são reminiscências desses ensinamentos? O chato (ou o trabalho a ser feito) é retirar dessas histórias a capa moral de que foram vestidas. Mas, mesmo camufladas por mãos moralistas, esses contos não comprovariam a sobrevivência do arquétipo e da sabedoria da deusa antiga?⁴³ Como já disse, ela não é mortal!

⁴² “Na medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser maior que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ele já é capaz de compreender. Ela o atrai e guia e lhe pede que rompa os grilhões que o prendem. E se ele puder alcançar-lhe a importância, os dois, o sujeito do conhecimento e o seu objeto, serão libertados de todas as limitações. A mulher é o guia para o sublime auge da aventura sensual. Vista por olhos inferiores, é reduzida a condições inferiores; pelo olho mau da ignorância, é condenada à banalidade e à feiura. Mas é redimida pelos olhos da compreensão. O herói que puder considerá-la tal como ela é, sem comoção indevida, mas com a gentileza e a segurança que ela requer, traz em si o potencial do rei, do deus encarnado, do seu mundo criado”. (CAMPBELL, 2017, p. 117).

⁴³ Aulas com o mestre Marco Haurélio nos cursos realizados na Casa Tombada entre 2020-2021.

Na narrativa de Gilgamesh a deusa o recebe na forma da formosura feminina. Mas o **modo da recusa** do rei faz com que a deusa insurgente, cheia de cólera e de desejo não satisfeito, insultada por palavras de violência moral, exige dos deuses, o terrível Touro do Céu para destruir Gilgamesh. Podemos chamar esse ato de vingança quando se compreende tal ato como reparador (de um dano causado). Aqui outro aspecto da sexualidade desmedida: a paixão da vingança.

Foram sete anos de seca e esterilidade na terra desde que o Touro desceu à terra.

Depois de uma batalha feroz, Gilgamesh e seu amigo Enkidu conseguem matar o Touro do Céu. Indignada, a deusa vocifera palavras contra o rei. Enkidu, também cheio de cólera, arranca a coxa direita do Touro morto e a joga no rosto da deusa. E ela, junto com suas sacerdotisas, lamentam a morte do Touro divino.

Ao recusar o pedido de união com a deusa, do ponto de vista psicológico, a tragédia se anuncia. “Sem a presença do feminino, o princípio masculino fica ferido e a qualidade da vida se deteriora. O feminino não pode ser reconhecido. Consequentemente, a fonte de renovação de vida torna-se inviável”⁴⁴. Por outro lado, é o princípio masculino positivo que inspira a mulher, “conduzindo-a para fora, para o mundo dos objetos, da criatividade e das ideias. É essa função psíquica (o *animus*) que fornece senso de direção, discernimento e continuidade ordenada a todos os esforços”⁴⁵. Sem a união com o princípio masculino, a deusa também não se realiza, adoecendo.

(silêncio)

Passam-se os dias e então Enkidu sonha que os deuses resolvem: a destruição tinha sido excessiva e, por isso, um dos dois teria que morrer. Deliberam para que Enkidu seja a vítima. Enfermo Enkidu sonha pela

⁴⁴ QUALLS-CORBETT, 1990, p. 105.

⁴⁵ Idem, p. 98.

segunda vez, agora entrando no terrível mundo dos mortos, de onde não se retorna.

A punição divina chega para os heróis.

Ao ver seu amigo morto Gilgamesh com o coração repleto de dor, inconformado com a morte de seu amigo, e transpassado de medo da morte, sai em busca do único ser humano imortalizado para pedir-lhe conselhos.

Triste criança, esse Gilgamesh! Que sou eu também nessa altura da narração!

Pela lógica da “jornada do herói”⁴⁶, será, neste momento da narrativa, que Gilgamesh inicia sua descida ao mundo interior: quando enfrentará seus próprios demônios em busca de bem maior: a imortalidade para si e para seus compatriotas. De que modo ele busca o conhecimento?

Despindo-se das vestes reais, como um pobre andarilho, vestido com as peles dos animais que mata e come pelo caminho, enfrentando feras, um caminho de escuridão, Gilgamesh chega à terra do deus sol. Desde o início lhe é dito que ele não encontrará a vida buscada, ou seja, a imortal. Mas como sua vontade é de gigante, os deuses o deixam adentrar-se ao jardim (o jardim nessa narrativa pertence ao deus sol). No portão de passagem para outro sítio, é interpelado por uma divindade feminina (aquela que faz o vinho dos deuses), que mais uma vez, lhe revela de que modo os seres humanos devem se comportar diante da “lei da vida terrena”: *Gilgamesh, onde vais com tanta pressa? Jamais encontrarás a vida que procuras. Quando os deuses criaram o homem, eles lhe destinaram a morte, mas a vida eles mantiveram em seu próprio poder. Quanto a ti, Gilgamesh, enche tua barriga de iguarias; dia e noite, noite e dia, dança e sê feliz, aproveita e deleita-te. Veste sempre roupas novas, banha-te em água, trata com carinho a criança que te tomar as mãos e faze tua mulher feliz com teu abraço: pois isto também é o destino do homem.*

Se uma narrativa como essa pode ser considerada um documento histórico e/ou simbólico, o reflexo da alma de um povo, é possível perceber, por toda a

⁴⁶ CAMPBELL, 2007.

extensão das palavras, a filosofia de vida dos sumérios, seus modos de produção, seu cotidiano, suas práticas espirituais. Em sua filosofia de vida, observamos o horizonte voltado para o bem viver sem desprestigiar a condição mundana, carnal do ser humano: a boa alimentação, a dança, o afeto com as novas gerações e com a família, o prazer sexual como vimos. A felicidade é destino humano também. Felicidade que advém das coisas e seres que se amam; felicidade que se alcança a partir de um certo **modo de agir**. A deusa do vinho ensina como se comportar diante da deusa-vida; oferece a chave para uma vida de felicidade. No entanto, Gilgamesh, buscando a imortalidade, quer mais, quer ir além de sua condição humana. Buscador do caminho da sabedoria para além dos muros da carne sem, no entanto, conhecer como transcende-la.

Gilgamesh não confiou na condução da deusa para chegar ao caminho da sabedoria. Para ela, reiteramos, o conhecimento se adquire por intermédio do corpo todo. Estaria ele experimentando apreender a sabedoria por processos mentais (pela cabeça), em oposição à práxis proposta pela deusa? Se o corpo belo e bem cuidado chamou a atenção de Ishtar, agora o corpo desleixado de Gilgamesh chama a atenção da deusa do vinho. Se ele recusa seguir pelo caminho de aprendizagem ofertado pela deusa, optará pelo outro: a racionalidade e a força?

Por intermédio dessa personagem (a deusa do vinho), apresenta-se, mais uma vez, a deusa no trajeto do herói? Gilgamesh não tem ouvidos para ela, está por demais perturbado com a morte e com o firme propósito da busca por transcender a humana condição em sua dimensão temporal.

Mas sem um guia espiritual, como alcançar a tão desejada imortalidade?⁴⁷

Que tipo de imortalidade busca Gilgamesh? Quer ele perpetuar seu corpo físico?

E Gilgamesh segue em sua aventura. Depois da passagem pelo rio das mortes, chega ao seu destino e encontra Utnapishtim, o homem imortalizado pelos deuses.

⁴⁷ Aqui podemos comparar o mito de Gilgamesh com o de Osiris, que, alcança sua glória com a ação mediadora de sua consorte Isis.

Gilgamesh – Oh, pai Utnapishtim, tu que te juntaste à assembleia dos deuses, desejo fazer-te algumas perguntas sobre os vivos e os mortos: como encontrar a vida que estou buscando?

Utnapishtim disse: Não existe permanência. Acaso construímos uma casa para que fique de pé para sempre? (...) Desde os dias antigos não existe permanência. (...) Quando os Anunnaki, os juízes do mundo inferior, se reúnem com Mammetum, a mãe dos destinos, juntos eles decidem a sorte dos homens. Eles distribuem a vida e a morte, mas o dia da morte eles não revelam.

O mestre imortalizado mostra a Gilgamesh que o que ele procura não está no campo das formas perenes. Ensina-lhe a “lei” da impermanência: nada é fixo no mundo, tudo se transforma e com os humanos não poderia ser diferente.

Se assim é, insiste Gilgamesh, como o mestre conseguiu sua imortalidade? Utnapishtim junto com sua esposa são sobreviventes de uma catástrofe lançada pelos deuses contra a humanidade. O dilúvio. O mestre revela um segredo a Gilgamesh contando uma história. Há muito tempo atrás, conta o mestre, os seres humanos se multiplicaram de tal forma que suas cidades se tornaram uma verdadeira balbúrdia, barulho que atrapalhou o sono dos deuses. Isso irritou Enlil e, em assembleia, os deuses deliberam pela morte de todos. O deus Enlil projeta e executa o dilúvio com a anuência dos deuses. No entanto o deus Ea, em segredo, instrui o mortal Utnapishtim (o Noé dos sumérios) a construção de uma barca com todos os seres vivos.

Estamos diante do mito da segunda descendência dos sumérios⁴⁸: o dilúvio. E mais uma vez ficamos com a pulga atrás da orelha pois a palavra semita, na

⁴⁸ “Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio". Mas, após a cosmogonia e a criação do homem, ocorreram outros eventos, e o homem, tal qual é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, é constituído por aqueles eventos. Ele é, mortal porque algo aconteceu *in illo tempore*. Se esse algo não tivesse acontecido, o homem não seria mortal — teria continuado a

Genese, vem de Sem, que é o filho de Noé. Então, perguntamos sem está se apropriando de quem do ponto de vista cultura? E novamente perguntamos se o dilúvio é uma história viajante ou arquetípica.

Foi então que Ishtar, a Rainha do Céu de voz doce e suave, gritou como se estivesse em trabalho de parto: ‘Ai de mim! Os dias de outrora estão virando pó, pois ordenei que se fizesse o mal; por que fui exigir esta maldade no conselho dos deuses? Eu impus as guerras para a destruição dos povos, mas acaso estes povos não pertencem a mim, pois fui eu quem os criou? Agora eles flutuam no oceano como ovas de peixes.

Quando a tempestade acabou Utnapishtim reverenciou os deuses com sacrifícios. E Ishtar proíbe Enlil de participar do banquete. Enlil, então, agracia Utnapishtim com a imortalidade.

Neste episódio, Ishtar se manifesta como a Grande Mãe, a deusa do início dos tempos. Lamenta-se pelos seus filhos e por sua inconsciência em leva-los à destruição. A deusa da guerra, em seu aspecto materno, parece rever esta posição.

Enlil, o príncipe, o deus que distribui os destinos, concede a imortalidade a um mortal. Utnapishtim tinha realizado um feito heroico que o destaca da humanidade. Foi merecedor da imortalidade.

Tal como os deuses gregos (muito posteriores), os deuses sumérios são intempestivos e intervencionistas. O que nos leva ao retorno da ideia de uma cultura que se preocupa com as forças instintivas, com os afetos, com a reflexão antes do agir⁴⁹. Os gregos irão buscar a temperança como símbolo de uma vida virtuosa, uma vida bela. Será que poderíamos dizer o mesmo dos sumérios?

existir indefinidamente, como as pedras; ou poderia mudar periodicamente de pele, como as serpentes, sendo capaz, portanto, de renovar sua vida, isto é, de recomeçá-la indefinidamente.” (ELIADE, 1992, p.13)

⁴⁹ Como podemos pensar também em uma narrativa de manipulação divulgada pelos poderosos, os deuses infligindo o medo aos seus representantes terrenos. Queremos crer que as duas interpretações

Então o sábio Utnapishtim disse: **quanto a ti, Gilgamesh, quem irá reunir os deuses por tua causa, de maneira a poderes encontrar a vida que estás procurando?** Quem é Gilgamesh, o que fez, para merecer a vida eterna? Mas mesmo assim, o sábio lhe dá uma chance: **Se quiseres, vem e põe-te à prova: terás apenas que lutar contra o sono por seis dias e sete noites.**

O sono como prova para o herói, é um símbolo que aparece em muitas narrativas míticas. Do ponto de vista místico, poderíamos dizer que o sono representa o ser não desperto, o indivíduo enredado na alienação da realidade. Aquele que vence o sono, vence as forças terrenas que o alienam, e, com isso o faz despertar para o real (metafísico). A resistência ao sono, em muitos “contos maravilhosos” aparece como sinal de coração puro. A própria aparência de Gilgamesh (sujo, deprimido) mostra sua condição impura.

Mas Gilgamesh adormece logo no primeiro dia e somente é acordado no sétimo dia.

Gilgamesh fracassa, o que nos leva a pensar que estava despreparado para alcançar a desejada imortalidade.

Enquanto se prepara para retornar (carregando seu fracasso), já com sinais de envelhecimento, se purifica nas águas do rio sagrado, renova sua aparência e se prepara para partir quando a mulher de Utnapishtim intervém: **Gilgamesh chegou aqui exausto, está extenuado; o que darás a ele para levar de volta a seu país?** Então, seu marido revela o segundo segredo, o da planta que “restaura ao homem sua juventude perdida”. Com muito esforço nosso herói consegue a planta e resolve, como todo grande herói, oferece-la aos anciãos de Uruk para só depois come-la. Em seu retorno, ao realizar uma parada para se refrescar em um poço, ele não percebe que ali mora uma serpente. Esta, ao sentir o cheiro da planta, sai do poço e come toda a erva, trocando imediatamente de pele. Volta para o fundo do poço imortalizada. Em desânimo, Gilgamesh retorna a Uruk. Conta

possam estar corretas, dependendo de quem conta a história: se o historiador, se o mitólogo, se a mulher, etc.

aos cidadãos da cidade o que viu e ouviu. O poema termina com o canto: **o rei deitou e não mais se levantará**. O destino de Gilgamesh foi cumprido.

Não lhe parece, leitora e\ou leitor, que a deusa retorna em vários momentos da narrativa, seja na voz da deusa do vinho ou na voz da esposa de Utnapishtim, ou ainda na forma da serpente? Não lhe parece que ela o acompanha em todo seu trajeto de iniciação? Gilgamesh, no entanto, não se desapega da vida terrena, dos sofrimentos; seu coração está pesado demais para alcançar a vida eterna. Não lhe parece que a deusa oferece a felicidade (na voz da esposa) e, ao mesmo tempo, a toma (na ação da serpente) como se a vida lhe pertencesse?

Gilgamesh aparenta não reconhecer as armadilhas da deusa, o que nos faz pensar, do ponto de vista jungniano, que o herói não carrega o princípio feminino positivo dentro de si, não luta para libertar sua *anima (alma)*.⁵⁰ Ao final da narrativa, Gilgamesh e a deusa se desintegram.

Mas o que acontece com a deusa?

Com a recusa da união, nem Inanna nem Ishtar realizam suas missões junto aos humanos. Ou seja, a vida não se perpetua. Poderíamos seguir com Mircea Eliade e dizer que estaríamos diante do mito de origem da mortalidade humana para a cultura suméria?

A mitologia da Suméria (antes de sua total destruição) passa por mudanças que pressentimos nos documentos que surgem das escavações. A versão que usamos segue a forma épica (originalmente é escrita em forma de poema) e parece tardia, escrita no império acádio.

Ao refletir com os pesquisadores consultados, pensamos que a mitologia que se apresenta entre os sumérios parece expressar uma transição entre uma religiosidade assentada no princípio da união dos opostos, para outra embasada no princípio da unilateralidade masculina. Trata-se de mitologia em

⁵⁰ Para Carl Jung os homens carregam em seu inconsciente um arquétipo feminino, assim como as mulheres carregam um arquétipo masculino. Para a alquimia, a anima é a Alma e o trabalho do iniciado é libertar a alma aprisionada.

que Deuses e homens estão separados, porém, ainda em comunicação direta por meio dos sonhos.

Esse sentimento de separação poderia ter instaurado uma espécie de depressão diante da falta da possibilidade da transcendência entre o povo sumério. Gilgamesh parece sofrer desse sentimento, ao caminhar melancólico e desesperado diante da morte. Na mitologia suméria que nos chega, o mundo dos mortos é tenebroso. Uma visão mítica um tanto dolorida do além. Muito diferente do que observamos no Egito tardio dos Faraós. Ali havia o Julgamento de Maat capaz de lhe oferecer uma nova chance para purificar seu coração. Já o Kur (terra dos mortos dos sumérios) foi representado como um lugar sombrio e sem retorno.

Saio deste devaneio-pesquisa com uma lição: quando nosso jardim interno for invadido por monstros (pensamentos destrutivos, por exemplo), temos que convocar o mais puro em nós, tornar nosso coração leve como o de uma criança e não cair no sono simbólico da alienação. Temos que nos despojar de nossas mágoas para não sermos arrastados pelas paixões diante de qualquer decisão. Retornar ao “ponto zero”.

Meus Deuses! E quem tem a grandeza de alcançar tais feitos!?

Foram essas, algumas das histórias, que senti necessidade de contar depois dessa maravilhosa viagem que realizei no barco da CASA TOMBADA ENTRE 2020 e 2022 em que o mundo foi assolado por mais uma das muitas pandemias que temos sofrido. E por estar sob a batuta de um governo patriarcal, colonizador e capitalista selvagem.

BIBLIOGRAFIA consultada

A Epopeia de Gilgamesh. Anônimo. Tradução realizada a partir da versão inglesa estabelecida por N. R. Sandars por Carlos Daudt de Oliveira, 3ªed, São Paulo, Martins Fontes, 2011.

A Epopeia de Gilgamesh. Ele que o abismo viu. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte, autêntica, 2017.

Ao Kurnungu, terra sem retorno: Descida de Ishtar ao mundo dos mortos. Trad. Jacyntho Lins Brandão, Curitiba, Kotter Editorial, 2019.

APULEIO. *O asno de ouro* Trad. Ruth Guimarães; 2ª ed, São Paulo, Editra 34, 2020.

BOTTÉRO, Jean. *No começo eram os deuses*. Trad. Marcelod Jacques de Moraes, Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 2011.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés, São Paulo, Palas Athena, 1990.

----- (Org.) *Todos os nomes da Deusa*. Trad. Beatriz Pena, Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1997

_____. *As máscaras de Deus*. Mitologia oriental. Trad. Carmen Fischer. São Paulo, Palas Athena, 2004.

_____ *O herói de mil faces*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, Pensamentos, 2007.

_____ *DEUSAS*. Os Mistérios do Divino Feminino. Trad. Tônia Van Acker, São Paulo, Palas Athena, 2015 a.

_____ *As transformações do mito através do tempo*. Trad. Heloysa de Lima Dantas, 2ªed, São Paulo, Cultrix, 2015 b.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. 35ªed., Rio de Janeiro, José Olympio, 2021.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arqueologia geral*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo, Martins Fontes, 1997 – (Ensino Superior).

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo, Martins Fontes, 1992 – (Tópicos).

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro, Graal, 1988.

MACLEAN, Adam. *A Deusa tríplice: em busca do feminino arquetípico*. Trad. Adail Ubirajara Sobral, 2ªed, São Paulo, Pensamento Cultrix, 2020.

PRANDI, Reginald. *Aimó, uma viagem pelo mundo dos Orixás*. São Paulo, Seguinte, 2017.

QUALLS-CORBETT, Nancy. *A prostituta sagrada*. A face eterna do feminino. Trad. Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paullus, 1990. Coleção Amor e psique.

QUINTINO, Claudio Crow. *A religião da grande Deusa: raízes históricas e sementes filosóficas*, 2ª ed, São Paulo, Gaia, 2002.

DISSERTAÇÕES

DUPLA, Simone Aparecida. *Construções do imaginário religioso no culto da Inanna na antiga mesopotâmia: símbolos e metáforas de uma deusa multifacetada (3200-1600 a.C)*. Dissertação de Mestrado em História, Cultura e Identidades, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

SÁ NOGUEIRA, Erica Mafalda de Portugal da Cunha e Alves de. *As deusas Inanna e Ishtar: semânticas de poder com traços de amor e guerra*. Dissertação de mestrado em História e Cultura das Religiões, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2015.

ARTIGOS

BACARIN, Adriane Viola. O retorno de Inana: a mulher em busca do feminino reprimido. *In Revista Travessias*, Cascavel, v. 13, p. 46-58, ago. 2019.

DUPLA, Simone Aparecida. Os domínios de Inanna: permanências de um culto ao sagrado feminino na mesopotâmia. *In História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 57, p.193-212, jul\dez 2012.

DUPLA, Simone Aparecida. Quando os deuses copulavam: sexualidade da deusa Inanna no Antigo Oriente Próximo. *In temporalidades – Revista de História*, Ed 21, V.8, N.2, maio\ago 2016.

JARDIM, Rafael Peruzzo. A jornada do herói em Gilgamesh. *In Letrônica*, v.1, n.1, p. 256-265, dez 2008.

ROESE, Anete. O silenciamento das deusas na tradição interpretativa cristã, uma hermenêutica feminista. *In Aletria*, n.3, v. 20 set\dez 2010

TRINDADE, Josh – Lukik, o núcleo dos valores timorenses In Vicente & APOEMA, Keu (Org). *Tradições Oraís de Timor-Leste*. Dili/Belo Horizonte: Unidade de Pós Graduação da UNTL/Casa Apoema, 2016.

CURSOS

NOVA ACRÓPOLE, Gilgamesh com Manuela Bittar.

CASA TOMBADA, Grupo de Estudos: do mito ao conto, do conto ao mito: uma jornada poética com Marco Haurélio.

OUTRAS FONTES

MUITAS CONVERSAR COM MEU COMPANHEIRO STENIO MENDES.

LEITORES PROPORCIONADOS PELA CASA TOMBADA.

SITES

<http://documentofantastico.blogspot.com/2011/05/arvore-huluppu.html>